

17-01-2025

MARIA JOSÉ**Josué Euclides Hetinguer****(Empreendedor – Economista Doméstico)**

Cheguei 9 e meia para o encontro com a professora Maria José. A Olga Maria veio logo ao meu encontro, disse que já havia falado com a professora e que ia avisá-la de que eu havia chegado. Enquanto esperava eu estava preocupado com as minhas mentirinhas do bem que já estavam ficando corriqueiras e lembrei-me de minhas estratégias na corretagem imobiliária. A gente fala mentira o tempo todo sobre a qualidade dos imóveis, do local, dos vizinhos, da segurança, do comércio próximo, da tranquilidade.... Se fosse hoje eu teria lembrado do mentor de Donald Trump, o advogado Roy Cohn que, entre outras coisas, lhe aconselhava a mentir sempre, nunca admitir estar errado, estar sempre na ofensiva e vai por aí. Mas, como esse não é meu estilo, eu não teria usado o exemplo, exceto pelas mentirinhas do bem (que também são só de vez em quando)... Quando a Olga Maria me chamou para a conversa com a professora eu já estava bem calmo. Não me lembro de ter visto uma mulher tão linda como Maria José. Tentava não ficar olhando pra ela o tempo todo pra não parecer que a estava paquerando. Mas era difícil, bem difícil. Expliquei minha pesquisa economizando palavras pra não falar besteira e percebi que ela compreendeu bem o que eu estava procurando. Falou-me da história de Caraguá e logo percebi sua exuberante inteligência quando buscava entremear a história da cidade com a produção econômica da classe trabalhadora. Em algum momento citou até Marx, de quem eu não tinha nenhuma e até hoje não tenho sabedoria. *(Que mulher linda! Se na época tivesse esses celulares de alta resolução eu tinha dado um jeito de tirar uma foto)*. Caraguatá é uma bromélia que serve a múltiplos usos, como fibras para sandálias, frutos comestíveis e medicamentos. Maria José disse que o xarope de Caraguá é delicioso... *(hum...olhei disfarçando pra minha sandália)* ... Tuba é grande quantidade na língua dos originários tupinambás. Essa pode ser tida como uma das economias primitivas da região que, eventualmente, são encontradas em Caraguatatuba. Segundo a professora, as populações situadas com resquícios de ancestralidade são esparsas, tais como indígenas e quilombolas. Todavia a cultura caiçara e pesqueira ainda é bem representativa, mas vem se adaptando aos novos tempos, especialmente na área do turismo (hotelaria, gastronomia), comércio em geral e construção civil. O nível de informalidade é bem elevado, especialmente pela sazonalidade típica da região. Tomei coragem e falei do sítio simbólico de pertencimento (SSB) de Zaoual. Com sua declaração de que o conhecia quase desmaiei de amor à primeira vista. Ela disse que o homem situado (*homo situs*) pode ser visto nas periferias da cidade, especialmente em favelas, mas segue a tendência moderna de se virar como pode fazendo seus bicos e trabalhos domésticos, como é no Brasil como um todo. Ao me despedir quase a pedi em casamento, mas me contive e, com muito cuidado, beijei sua mão em agradecimento.

Peguei meu Celtinha e, acabrunhado, fui direto pra Paraty, no Rio de Janeiro. Meu carrinho estranhou meu silêncio de desiludido amoroso. Até que em dado momento comecei a rir de mim mesmo. O carro deu um solavanco. Achei que era ele rindo de mim, mas fui que pisei no freio sem querer. 4º dia de viagem. De Maria José a Paraty 130 km. Quando cheguei a Paraty, por volta das duas e meia da tarde e entrei na cidade histórica levei um susto. Minha paixão de horas antes esvaneceu e mudou de lugar. Era a primeira vez que eu fazia amor platônico com uma cidade. Andei, andei, andei, olhei, andei, olhei, olhei, toquei algumas das paredes coloniais, olhei, toquei, andei. Eu não pensava em nada. Pausa para o futuro quando fui à Flip de Paraty em 2018 eu pude entender o que anos antes eu havia sentido naquele dia. Nem a casquinha que tirei de Fernanda Montenegro lendo Hilda Hilst me demoveu da premonição.... Volto à viagem em direção ao Sol. Depois de andar horas e horas senti que ali não havia lugar para SSB. A dominação predatória do turismo predatório do neoliberalismo predatório mostrava sua cara naquele lugar lindo. Contradição pura me invadiu. É preciso mostrar o belo pras pessoas, mas é preciso impedir que o belo seja privilégio das pessoas de sempre. Minha mais recente paixão, ainda que platônica, por uma cidade, sumiu como que por encanto. Eu vi a classe dominante, abastada, exploradora de sempre andando, a meu lado, rindo de minha cara ridícula e óbvia. Quase dez horas da noite, só consegui lugar pra dormir duas horas depois em algum SSB que nem sei se era isso mesmo (outra hospedagem). E não foi por falta de vagas lá no centro histórico, foi pelo abuso que os economistas sádicos chamam de demanda e oferta do mercado. Quando acordei, por volta das seis da manhã, desiludido duplamente amoroso, entrei num boteco bem furreco do lado da hospedaria e pedi um café com leite e pão com manteiga, lembrança de minha infância. Na mesinha ao lado tinha um senhor de chapéu. Olhou pra mim e, nem sei porque, perguntou se eu era estudante. Na hora, claro, confirmei. Ele começou. *Eu vi logo, a essa hora ou é trabalhador ou é estudante, mas você tem cara de estudante. Eu queria estudar, meu pai não deixou. Me botou pra trabalhar com 12 anos, debaixo de tapa. E quando eu dizia que queria ir pra escola me chamava de vagabundo. Só depois que ele morreu eu fiz o supletivo.... assim que eu me aposentar daqui a quatro anos eu vou fazer faculdade. ... Você estuda o quê?* Eu falei rapidamente as coisas que vocês já sabem e ele entendeu na hora. *Pega a estrada que vai pra Cunha e quando chegar no primeiro posto Shell, você para e pergunta pelo Juca. Abastece lá pra agradar. Diz que é amigo do Elcio e diz onde você quer ir.* Levantou e nem deu tempo de eu agradecer. Não era bem o que eu queria (afastar-me do litoral), mas Paraty (RJ) e Cunha (SP) são juntos. É só sair de Paraty e subir a Serra do Mar. Mas o posto de gasolina era ainda em Paraty. Enquanto abastecia perguntei pelo Juca. Contei-lhe a história do Elcio. Muito simpático, fiquei impressionado com sua figura enorme de mais de 1 metro e 90 com a beleza do *Black is beautiful* cantada pela Elis Regina nos anos '70. Logo que ele entendeu porque eu estava ali, falou. *Sou quilombola, quer conhecer meu quilombo?*

■ ■ ■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.